

Voltar a crescer

Os desafios

de 2007

MARTA SFREDO

Livre de tensão pré-eleitoral em 2006, a economia brasileira corre o risco de sofrer de estresse pós-traumático no próximo ano. Com a expectativa de que a maior economia do planeta ande em ritmo mais lento em 2007, o Brasil não pode continuar dependendo de um cenário internacional confortável. Os Estados Unidos devem crescer pouco no próximo ano, levando à desaceleração global, que andava em velocidade de cruzeiro nos últimos anos.

É inegável que os indicadores macroeconômicos do Brasil melhoraram, mas o país poderia ter obtido resultados mais expressivos se tivesse removido problemas à espera de solução há anos. Zero Hora apresenta os desafios que aguardam quem ganhou nas urnas o passe para tomar decisões e assumir responsabilidades.

Na tradução das conquistas para os mais pobres, avalia Marcelo Néri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas, é hora de pensar além dos números.

– A quantidade está garantida, 2007 deve ser o ano da qualidade nas políticas sociais. Além de chegar ao pobre, é preciso abrir as portas para a saída da pobreza – indica Néri.

“Além de chegar ao pobre, é preciso abrir as portas para a saída da pobreza.”

Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV

Cortar gasto público

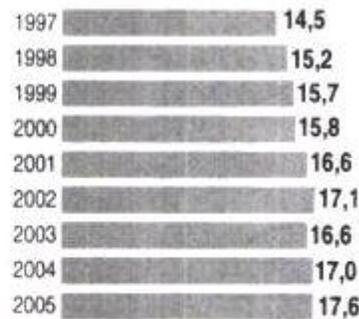
Mesmo que a economia feita para pagar juros da dívida esteja dentro da meta prevista, os analistas não consideram o esforço suficiente. Alex Agostini, economista-chefe da consultoria Austin Asis, pondera que, pelos números de julho, ainda faltavam R\$ 67,9 bilhões para fechar as contas. Além disso, as despesas permanentes da União, comparadas com o Produto Interno Bruto (PIB) vem crescendo sem parar (veja gráfico).

– Agora, ninguém presta muita atenção porque a economia global está bem, mas se houver desaceleração, todos vão olhar para a dívida de R\$ 1 trilhão, metade do PIB e para o rombo da Previdência. Aí há risco de voltar o ciclo de desconfiança – adverte Agostini.

Na avaliação de Agostini e da

DESPESA EM ALTA

Evolução das despesas permanentes da União em relação ao PIB (em %):



Fonte: Ministério do Planejamento/Austin Asis

maioria dos analistas de mercado, será difícil alcançar maior equilíbrio nas contas públicas sem medidas impopulares, como a contenção de gastos na Previdência.

Buscar a expansão

Se havia dúvida, este ano mostrou que a estabilidade está conquistada. É hora de perseguir a expansão econômica, defende Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central. A inflação de referência para o governo está projetada em 3,5%.

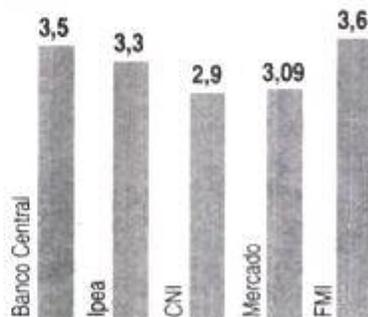
– Por muito tempo, o crescimento foi sacrificado em função da busca mais rápida pela estabilidade – critica Freitas.

Ao contrário da corrente que limita em 3% o potencial de elevação do PIB do Brasil sem provocar desequilíbrios, Freitas sustenta que o país pode expandir seu PIB em 5% e até 6% ao ano, no curto prazo, sem gerar maiores problemas. Uma das condições essenciais para que isso ocorra, condiciona, é a redução da carga tributária.

– É preciso desonerar a produção

EM RITMO LENTO

As previsões para o Brasil neste ano (em %):



Editoria de Arte

para que voltem os investimentos e desburocratizar a legislação para melhorar o ambiente de negócios – recomenda.

Tocar as reformas

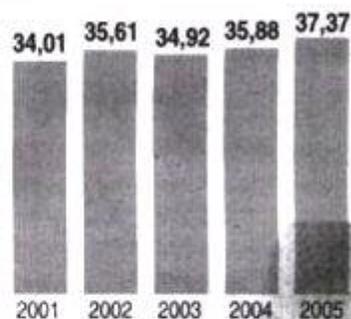
Embora tenham apoio de grande parcela da população, mudanças profundas na estrutura tributária e previdenciária, entre outras, não avançam. Para o consultor da Rosenberg & Associados José Augusto Savasini, as reformas fiscal, trabalhista e política terão de ser tocadas.

– Estamos há anos falando nisso e ninguém faz nada – protesta.

Para tirar as reformas do limbo, argumenta, o presidente terá de dar 90% do seu tempo a essa missão. Até porque, seja qual for o governo a partir de janeiro de 2007, não terá facilidades com a oposição. Por isso, será necessária muita costura política e será preciso construir um consenso básico para ganhar o apoio dos governadores, diz Savasini.

CARGA TRIBUTÁRIA

Quanto se paga de imposto em relação ao PIB (em %):



Fonte: Receita Federal

Editoria de Arte

– Se não fizer essas reformas nos primeiros seis meses, vamos ficar mais quatro anos crescendo entre 2,5% e 3%, não vamos sair desse marasmo – adverte.

Derrubar o juro real

À medida que alguns indicadores melhoram, impõem novos desafios. É o caso da inflação, que tocou os níveis mais baixos das últimas décadas. Edgard Pereira, diretor executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), lembra que embora o juro nominal venha em seqüência de queda, a taxa real – descontada a inflação – subiu. Para uma Selic de 14,25%, a projeção de inflação de 3,5% deixa o juro real em 10,75%. Há algumas semanas, estava em 10,25%.

– O desafio para 2007 é deixar a taxa real em padrão internacional, por volta de 5% ao ano. A Selic deverá ter uma queda mais constante e em magnitude maior – avalia.

Esse movimento, argumenta, também permitira uma redução da excessiva valorização do real, que re-

O NOMINAL E O REAL

A taxa Selic cai, mas o juro efetivo sobe:



Editoria de Arte

tira competitividade dos produtos brasileiros no mercado externo.

– Como o juro é um preço fora de lugar, distorce outros, como câmbio.